

RESENHA DO LIVRO DE LINCOLN DE ABREU PENNA: *HISTÓRIA, UMA HISTÓRIA*. RIO DE JANEIRO: E-PAPERS, 2009.

Vera Lucia Boargea Borges *

História, uma história. Este é o mais recente título de Lincoln de Abreu Penna que reflete sobre as relações entre história, historiografia e memória. Logo de início uma questão desperta o leitor: afinal, como o autor fará a ligação entre esses diferentes pontos? A escrita agradável e direta dos três capítulos que compõem o livro rapidamente ajuda-nos a responder a indagação. A principal pista está no próprio título da publicação. Assim, pensado inicialmente como um pequeno conjunto de ensaios historiográficos, o livro evoluiu para o formato que conhecemos, isto é, junto à produção dos historiadores foram acrescentados os impactos que essas obras produziram na geração de Penna. Desta forma, a inovação deste livro está em adicionar aos escritos acadêmicos os elementos de cunho pessoal. Portanto, a história é compreendida a partir da historiografia republicana com uma pitada da percepção do autor que, além de contextualizar a produção, apresenta-nos ainda a repercussão que causou no conjunto de leitores. Com certeza isto justifica o batismo que o autor deu ao seu trabalho ao associá-lo às reflexões de ego-história que foram possíveis a partir da sua tríade pessoal, ou seja, ler, escrever e ensinar história. Em relação a este último ponto, procurou fazer de suas aulas o lugar da reflexão, ou seja, ensinar os alunos a pensar e a desenvolver reflexões a todo o instante. Para tanto, como historiador marxista, Penna inspirou-se para produzir este livro em *Tempos Interessantes*, de Eric Hobsbawm, que, ao partir de sua trajetória pessoal, refletiu sobre os acontecimentos mundiais sem perder de vista a perspectiva histórica de seu tempo. A inspiração produziu belo fruto no Brasil!

Os mais de quarenta anos de magistério de Lincoln Penna surgem no texto configurando a chamada "*abordagem impura*" - termo emprestado a Astrojildo Pereira - da história e da historiografia como elemento de apoio à narrativa. A experiência por diferentes instituições de ensino públicas e privadas permitiu ao autor apresentar um mosaico da República no Brasil tendo como ponto de partida seus principais intérpretes e renovadores. Apesar do rigor historiográfico do livro, seu tom coloquial evitou as citações em demasia e manteve apenas aquelas que são necessárias, uma vez que seu objetivo é falar de história, de seu significado e

não perder-se na teia da erudição. Desta forma, Penna elege como público-leitor de sua reflexão todos aqueles que são interessados em história e não apenas os seus pares da academia. Talvez arrisquemos ao afirmar que esta escolha resulta de sua experiência, ainda na década de 60, no Plano Nacional de Alfabetização (PNA) liderado por Paulo Freire. Ali, Penna confessa que aprendeu o quanto era importante ouvir o povo para saber seus anseios, suas necessidades, seu vocabulário e, assim, a partir desta percepção, conseguir a eficácia da ação política e social. Portanto, sua geração é marcada pela militância política e permitiu, no caso de Penna, o *toque de Midas* à sua trajetória de historiador que se forjou com três faculdades formativas: a erudição com a sistematização e organização de idéias, o hábito de pesquisa através do contato com os documentos e a capacidade interpretativa. Esta última foi enriquecida pela habilidade de Penna de olhar o mundo ao seu redor levando em consideração a perspectiva popular.

Ao avançarmos a leitura pelo denso primeiro capítulo, *Caminhos de uma história: encontros e desencontros*, o leitor descobre que a percepção de mundo de Lincoln Penna também tem ligação com os cursos que freqüentou no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) nas décadas de 50 e 60. Ali, o autor assistiu à palestra inaugural de Nelson Werneck Sodré no curso de teoria social sobre a formação histórica brasileira. A convivência com o historiador de formação militar continuou tempos depois em sua residência na rua Dona Mariana em Botafogo. Após o golpe de 1964, o momento de fechamento do país - com censura, perseguições, prisões e torturas -, a formação do historiador conviveu com a limitação por todos os lados. Mesmo assim reflexões importantes foram produzidas e podem ser exemplificadas a partir de uma vivência ocorrida num encontro internacional da juventude no qual Penna e seus companheiros participaram. Ali conheceram um combatente *vietcongue* e Penna manifestou sua admiração pela corajosa ação dos vietnamitas que não se intimidaram diante do suposto poder dos *marines* norte-americanos. A resposta que Penna obteve do combatente foi: "*fazemos o que é necessário fazer*" e diante desta desconcertante frase, o autor processou, remeteu-se aos seus estudos e concluiu: "*A partir daquele momento, me veio à lembrança a frase de Marx de que para ele a liberdade é a consciência da necessidade*". Somado a este exemplo, é possível acrescentar o depoimento que Penna concedeu como professor de história que vivia sob a ditadura e publicado em livro organizado por José Luiz Werneck da Silva. Ao apresentar sua experiência naqueles tempos de repressão, afirma: "*Amadurecemos o suficiente para reconhecer com humildade nossos erros e nossa ignorância a respeito do Brasil*".

A tudo isto se deve acrescentar a estratégia de redação do autor, isto é, por não se fazer refém da linearidade temporal, apresenta alternadamente suas reflexões e, acreditando na inteligência e na capacidade de acompanhamento dos seus leitores, faz sua análise transitar tanto pelas estruturas sociais quanto pela história política, restando-lhe fôlego suficiente para discutir acerca da história oral. Desse modo, temos diante de nós um verdadeiro caleidoscópio de quem viveu e pensou a história sendo sua *testemunha ocular*. Outro exemplo se refere à passagem de Frédéric Mauro pelo Brasil. Ao encantar-se com a idéia de estar no Brasil para ministrar um curso e estabelecer vínculo ainda maior com as universidades brasileiras, em 1972, o intelectual francês procurou saber das questões do país e, mais especificamente, do *milagre brasileiro*. Esta é a teia de relações e de convívências de Lincoln Penna! Assim, ao acompanhar de forma ativa a expansão dos cursos de Pós-graduação no Brasil, o autor nos mostra os caminhos seguidos por este segmento do ensino e, ainda, indica livros que aprofundam as questões discutidas, permitindo ao leitor informar-se e formar-se no curso de sua própria história.

Por sua vez, no segundo capítulo, *Historiografia republicana; matrizes, intérpretes e renovadores*, há uma guinada no rumo do livro. Inicialmente sua concepção era pensada em três partes: as obras gerais sobre a República brasileira a partir de autores nacionais e *brasilianistas*, os trabalhos acadêmicos com ênfase em meados do século XX e os artigos e textos isolados relativos à problemática republicana. No entanto, a proposta inicial foi lapidada e passou-se para os estudos comparativos entre Nelson Werneck Sodré e Caio Prado Junior, apresentados no livro como *intelectuais orgânicos assumidos e historiadores não acadêmicos*. Afinal, a leitura desses dois autores clássicos serve de ferramenta interpretativa da formação e do desenvolvimento histórico da sociedade brasileira. Portanto, para enriquecer esta abordagem panorâmica da historiografia republicana, Penna vale-se de obras generalistas com José Maria Bello, em *História da República*, Leôncio Basbaum, em *História Sincera da República* e Hélio Silva em *História da República*. Aqui vale uma observação. O autor esclarece que o intérprete pode ser tanto aquele que traduz algo para alguém como o que analisa uma situação que implica diferentes níveis de compreensão sobre seus significados e, ainda como, o que é capaz de instigar reflexões acerca do conteúdo de um objeto ou problema.

Já no terceiro capítulo, *Historiografia acadêmica: novos intérpretes*, Penna analisa aqueles que se propuseram a fazer uma revisão historiográfica da leitura da nossa história. Aqui fazemos um parêntese para mencionar um delicioso *registro de ordem existencial* que envolveu Gilberto Freyre. Certa ocasião uma das orientandas

de Penna visitou o Recife e recebeu como incumbência a tarefa de tentar obter uma entrevista com o sociólogo. A empreitada que parecia árdua foi facilmente realizada uma vez que, admirador do gênero feminino, Freyre entusiasmou-se pelas belas pernas da moça e concedeu sem maiores resistências a entrevista, a qual Penna guarda até hoje como lembrança. Neste capítulo, a tônica concentra-se em Emília Viotti da Costa em *Da monarquia à república: momentos decisivos*, que discute a oportunidade e a complexidade de se adotar a fórmula republicana no Brasil e José Murilo de Carvalho, em *A construção da ordem* e *Teatro de sombras*, que apresentam os desdobramentos que resultariam na República. Este último, de acordo com Penna: “abriu uma senda das mais robustas e estimulantes para a releitura dos anos iniciais do período republicano, que pareciam definitivamente enterrados na mesmice das parcas relações entre as pessoas e as instituições”. Certamente nada disso supera o fato de que esses dois autores contribuíram para que a chama seminal de Caio Prado Junior e Nelson Werneck Sodré não se apagasse na formação das novas gerações de historiadores. Em relação a este último historiador, a publicação recente do *Dicionário crítico Nelson Werneck Sodré*, organizado por Marcos Silva, comprova e dimensiona a importância de sua produção para a história.

A última parte do livro, *Apêndice: Autobiografia intelectual*, deve ser lida como a conclusão, pois, de certa forma, sistematiza as discussões conduzidas nos três capítulos e apresenta as circunstâncias dos escritos que Penna produziu e que se transformaram em publicações. Em 1975, foi editado seu primeiro livro, *Análise do saber histórico*, que resultou de suas anotações e estudos no curso de história de uma universidade privada. Naqueles anos de chumbo, o título foi muito bem acolhido e rapidamente inserido em diversas bibliografias universitárias de cursos de iniciação à história. Depois de mais de uma década publicou uma síntese até hoje muito citada, *Uma história da República*, com objetivo de oferecer ao público leitor um panorama da segunda metade do século XX. Depois foi a vez de publicar sua tese de doutorado, *O progresso da ordem: o florianismo e a construção da República*. E aqui, mais um ponto de mistura entre a vida pessoal e a trajetória profissional: por ser seu bisavô, Floriano Peixoto povoou seus pensamentos desde a infância. A seguir a militância política de Penna bateu mais forte em *A trajetória de um comunista*, onde discutiu a trajetória do dirigente partidário Geraldo Rodrigues dos Santos, o *Geraldão*, que recebeu a genial capa de outro comunista histórico, Oscar Niemayer. Muitos outros se somaram a este breve rol e servem, de certa forma, como registro memorialístico de inúmeros anos de atividades docentes.

Façamos ainda duas considerações. A primeira, refere-se à generosidade da dedicatória, *in memoriam*, a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, marcaram a trajetória intelectual e de vida de Penna como Afonso Carlos Marques dos Santos, Fernando Sgarbi Lima, José Luiz Werneck da Silva, Manoel Maurício de Albuquerque e Moacyr de Góes, para citarmos apenas alguns nomes da extensa lista. A segunda é a provocação feita por Francisco Falcon na apresentação ao instigar o começo da leitura do livro pelo apêndice, isto é, pela autobiografia intelectual. Sem dúvida, o convite à *inversão da ordem* é tentador e merece ser avaliado pelo leitor.

Por fim, a sugestiva capa do livro com uma ampulheta antecipa o sentido dos escritos de Lincoln Penna. Afinal, a cada esvaziamento da parte superior, o autor nos presenteia com uma instigante reflexão, bem ao estilo coloquial de “*a propósito*”, indicador de quem viveu e vive intensamente e de forma questionadora a vida. E você verá por si mesmo: a parte superior da ampulheta está cheia. Há muito a fazer. Parabéns ao Mestre que faz de seu livro um grande ensinamento para todos nós!

* Historiadora.